



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v59i1.3594>

CATÁLOGO DE VIOLÊNCIA E A DESUMANIZAÇÃO DOS POBRES NO ANTIGO TESTAMENTO¹

*Catalogue of violence and dehumanization of the poor
in the Old Testament*

Luiz Alexandre Solano Rossi²

Resumo: Há um tipo de violência que se destaca no Antigo Testamento. Trata-se de uma violência contra o ser humano e, mais especificamente, contra o ser humano pobre. Pretende-se neste artigo pesquisar as principais expressões de violência utilizadas no idioma hebraico e a forma como elas atingem o pobre. A conclusão a que se chegará é que a violência contra os pobres é uma construção social, política e econômica. A violência e a injustiça surgem por mãos humanas: os poderosos tratam as pessoas pobres – que são a maioria do povo de Deus – como fontes de riqueza e trabalho não remunerado, usando coerção, suborno, desonestidade, tecnicismos legais e violência. Não se trata, portanto, de violência com raízes teológicas e naturais.

Palavras-chave: Violência. Religião. Bíblia. Pobres.

Abstract: There is a type of violence that stands out in the Old Testament. It is a violence against the human being and, more specifically, against the poor human being. This article intends to investigate the main expressions of violence used in the Hebrew language and how they affect the poor. The conclusion that will be reached is that violence against the poor is a social, political and economic construction. Violence and injustice arise through human hands: the powerful treat poor people – who are the majority of God's people – as sources of wealth and unpaid labor, using coercion, bribery, dishonesty, legal technicalities, and violence. Therefore, it is not a question of violence with theological and natural roots.

Keywords: Violence. Religion. Bible. Poor.

¹ O artigo foi recebido em 21 de fevereiro de 2019 e aprovado em 08 de abril de 2019 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no mestrado e doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e no Centro Universitário Internacional (UNINTER) em Curitiba/Paraná. Contato: luizalexandrrossi@yahoo.com.br

Introdução

O “pobre” no Antigo Testamento são aquelas pessoas sem-terra e sem recursos políticos, legais e econômicos para ter uma casa autossustentável. Todavia, o pobre aparece com muitas faces nos textos bíblicos, todas elas desprovidas de direito: agricultores, diaristas, escravos, mendigos, viúvas, prostitutas, doentes, estrangeiros, órfãos (Êx 22.21; 23.9; Dt 10.17-19; 24.17-22; Lv 19.33-34). Dar assistência material ao pobre é um princípio ético na Bíblia, aplicado tanto ao indivíduo como à comunidade. Por isso é possível verificar uma rede de proteção social que alcança o pobre em meio à violência da vida cotidiana (Dt 23.24-25; 24.19-20; Lv 19.9-10; Dt 14.22-29; Êx 21.1-11; Lv 25.1-7; Êx 20.8-11; 23.1-11; Nm 15.15). Se examinarmos situações de injustiça econômica, por exemplo, nos profetas Jeremias 2.34, Ezequiel 16.49; 18.12; 22.29 e Amós 4.1, constataremos que eles condenaram abusos de violência específicos: comerciantes urbanos comprando a terra dos camponeses pobres em violação das leis de herança de propriedade (Mq 2.2); comerciantes ficando ricos por práticas de negócios que defraudavam os pobres (Os 12.7-8; Am 5.11-12; 8.5-6; Ez 45.10-12); empregadores que negam aos trabalhadores o pagamento (Ml 3.5); cidadãos recusando-se a pagar os dízimos que protegem os necessitados (Ml 3.10); credores que não observam os anos sabáticos que protegem os escravos endividados (Jr 34.8-22); e cidadãos ricos abortando a justiça e roubando a propriedade dos pobres (Is 3.14-15; 10.1-2; 32.7; Jr 5.27-28; Am 5.12; Mq 7.3).

Não há em nenhum dos textos bíblicos citados a menor possibilidade de se pensar em divinização ou naturalização da violência contra os pobres. A pobreza bíblica, fruto da violência, nesse caso, não deve de forma alguma ser considerada uma situação resultante de uma lei natural ou como se fosse vontade divina. Não é lei natural nem fatalidade e muito menos doutrina teológica. Contrariamente a essa concepção, Javé assume a responsabilidade pelo bem-estar dos desprivilegiados. Para os profetas, a pobreza nunca foi compreendida como uma coisa neutra. E, da mesma forma, aos olhos deles Javé jamais poderia se revelar na história a partir da neutralidade. Profetas e Deus assumem posições em meio às pessoas que vivem na e a partir da pobreza! Na literatura bíblica, principalmente nos profetas, a pobreza é sentida e percebida como um escândalo intolerável e como resultado da violência e da injustiça.³ Nesse sentido, a opressão é considerada um pecado e insulto contra Deus e sujeita à punição – Lv 5.20-26; Dt 28.29; Sl 72.4; Pv 14.31; Is 10.1-2. A violência e a injustiça surgem por mãos humanas: os poderosos tratam as pessoas pobres – que são a maioria do povo de Deus – como fontes de riqueza e trabalho não remunerado, usando coerção, suborno, desonestidade, tecnicismos legais e violência.

Procura-se, neste artigo, demonstrar que seria possível perceber uma teologia bíblica da violência contra os mais vulneráveis da sociedade de Israel. Dessa forma, linearmente, apresenta-se uma possível relação de sujeitos vítimas da violência bem

³ EPSZTEIN, Leon. *A justiça no antigo Oriente Próximo e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 134.

como uma série de vocábulos que refletem a ação violenta que produzem as vítimas. Assim é possível reconhecer a riqueza do vocabulário hebraico ao retratar os episódios do cotidiano em que os mais vulneráveis são desumanizados, assassinados e transformados em “sobrantes” numa sociedade em que não há lugar para eles.

O referencial teórico utilizado é, principalmente, aquele ligado a biblistas brasileiros, Schwantes, e latino-americanos, Tamez, bem como de europeus, tais como Pons e Hanks, que nos ajudam a interpretar os vocábulos dentro dos múltiplos contextos em que foram utilizados.

Uma teologia bíblica da violência?

É possível, portanto, constatar que a violência não é estranha aos textos bíblicos. Hanks⁴ chega mesmo a afirmar que “a opressão é uma categoria básica da teologia bíblica”. A mesma observação poderia ser feita a partir da observação de Reimer e Reimer⁵ quando apresentam a escravidão no Egito e a experiência de cruz de Jesus como elementos que determinam uma possível linha do tempo:

A violência acompanha e perpassa as páginas da Bíblia. Do mesmo modo o fazem as tentativas ou propostas de sua superação ou as estratégias de pacificação ou construção de paz. Bíblicamente, tomamos a experiência de escravidão, feita pelo povo hebreu no Egito, e a experiência da cruz, feita por Jesus, por marcos referenciais para observação do fenômeno violência. Consideramos que tais experiências foram/são vivenciadas por milhares de outras pessoas e são, aqui, portanto, representativas também em suas formas de superação.

A gênese e a noção de violência, sem dúvida, estão estritamente relacionadas com a realidade social e, dessa forma, mais do que um dado teológico, deve ser examinada como um dado sociológico. Pons⁶ nos ajuda a refletir ao afirmar que “a opressão é a ação abusiva do forte sobre o fraco. A violência é uma ação contra a pessoa do fraco e contra os bens do fraco”. E, assim, a justiça social não deve ser compreendida apenas como uma exigência da sociedade. Trata-se, fundamentalmente, de uma questão teológica.

Seria possível contar a história do povo de Deus a partir do tema da violência. Jamais um povo foi tão agredido, tanto interna como externamente, isto é, ora a violência era perpetrada por agentes e instituições do próprio povo, ora os agentes da violência marchavam à frente dos grandes impérios. Em grandes linhas, poderíamos elaborar a seguinte periodização do tempo marcada pela brutalidade das ações:

– os patriarcas peregrinavam como estrangeiros e imigrantes (uma das classes sociais costumeiramente reféns da violência junto com as viúvas e os órfãos);

⁴ HANKS, Tomas. *Opresión, pobreza y liberación: reflexiones bíblicas*. Costa Rica: CELEP, 1982. p. 21.

⁵ REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni R. A maldade dos homens se multiplicou sobre a terra: sobre o fenômeno da violência na Bíblia. *Revista Pistis & Práxis*, v. 10, n. 1, p. 117-145, jan./abr. 2018. p. 212.

⁶ PONS, Jacques. *L'Opression dans L'Ancien Testament*. Paris: Letouze et Ané, 1981. p. 23.

– no êxodo, nos deparamos com escravos sobrevivendo às violentas investidas do império egípcio;

– na época dos juízes, Israel caiu repetidas vezes diante de forças militares melhor organizadas;

– nos longos séculos de monarquia, tanto no sul como no norte, o peso da opressão e da violência se fazia sentir de tal maneira, que sangue cobria as ruas de Jerusalém de um extremo ao outro; um período em que se impôs uma sociedade baseada na economia de mercado, ou seja, a avidez do lucro e da riqueza por uma parte pequena do povo gerava desigualdades cada vez mais graves e, conseqüentemente, a pobreza e o empobrecimento se alastravam;

– e, finalmente, o barulho das botas dos soldados dos grandes impérios marchando – Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma – trouxe o medo paralisador, assim como novas e inusitadas formas de violência em seus projetos de domínio através da *pax assyriaca*, *pax pérsica*, *pax romana* etc.⁷

Análise semântica de vocábulos que retratam a violência

A violência e a opressão no mundo bíblico são constantes e consideradas como um mal. Uma possível conclusão a que podemos chegar quando lemos grande parte dos textos bíblicos é de que a situação de dominação, de opressão e de violência era uma característica pertinente aos estados de Israel e de Judá. Ainda que fossem Estados que pagavam tributos aos mais diversos impérios, a presença dos empobrecidos era sinal de que alguns haviam se enriquecido demasiadamente, a injustiça era inalterável e se manifestava em todos os âmbitos sociais, enquanto a presença das vítimas passava a ser um verdadeiro incômodo.

Nos relatos bíblicos, a figura dos pobres, da opressão e da violência jamais pode ser circunscrita a um modelo de linguagem abstrata. A linguagem bíblica com relação a esses temas é sempre concreta. A presença de empobrecidos no meio do povo de Deus era um sinal evidente de que alguns se enriqueceram demais e que, portanto, a aliança havia sido quebrada. Por isso o pobre tornou-se uma presença incômoda, Mesmo sem falar nada, a simples presença da vítima era um grito que interpelava a consciência da nação. Jamais o Deus da aliança se manifestaria no poder capaz de gerar a morte. A aliança de Deus com os seres humanos será sempre, e continuamente, uma aliança de geração de vida e de vida abundante.

⁷ A respeito da *pax assyriaca*, *pérsica* e *romana*, veja: ROSSI, Luiz Alexandre S. *Cultura militar e de violência no mundo antigo*. São Paulo: AnnaBlume, 2008; FALES, Frederik M. *Guerre et Paix*. Religion et Impérialism. Paris: du CERF, 2010; PALMA, Maria de Lurdes. *Poder e Imagem*. A idealização do rei na historiografia assíria: de Samsi-Adad I a Tiglat-pileser I. Cascais: Patrimonia, 2001.

Sujeitos da violência

O vocabulário hebraico para se referir à violência e à opressão é particularmente rico. Inicialmente, poderíamos explorar a riqueza vocabular nos aproximando dos muitos vocábulos que caracterizam os pobres no Antigo Testamento e que estão sujeitos a múltiplas formas de violência:

– *ebyon*: o mendigo, aquele a quem falta algo e espera de outra pessoa⁸; refere-se à pessoa que faz uso da mendicância a fim de sobreviver. É usada 61 vezes no Antigo Testamento, sobretudo nos Salmos e nos profetas. Schwantes⁹ chega a afirmar que existe um consenso sobre o significado de *ebyon* compreendido como o socialmente frágil.

– *dal*: débil, fraco e também franzino. É utilizado 48 vezes no Antigo Testamento de forma especial nos profetas, em Jó e nos Provérbios.

– *ani*: o encurvado, aquele que está sob um peso e que não é possuidor de toda a sua capacidade e vigor, o humilhado¹⁰; aquele que se inclina, que se curva, que cede, que se submete; uma pessoa que se encontra em posição de sujeição. Trata-se do termo mais utilizado no Antigo Testamento, isto é, 80 vezes, e de forma especial nos Salmos e nos profetas.¹¹

– *anaw*: da mesma raiz que o termo anterior, mas que assumirá uma acepção mais religiosa, ou seja, o humilde perante Deus.¹² Esse vocábulo se encontra 25 vezes no Antigo Testamento, de forma particular nos Salmos e nos profetas.

– *rash*: pode significar indigente, aquela pessoa desprovida de tudo, o necessitado. Na maioria das vezes é usado em contraposição a rico, afirma Schwantes.¹³

– *misken*: aparece somente quatro vezes no Antigo Testamento e se refere àqueles que dependem de outros para sobreviver, que estão submetidos a outras pessoas mais fortes.

Além das expressões acima citadas, é razoável acrescentar a denominada “tríade social”: órfão, viúva e estrangeiro.

Expressões que retratam ações violentas contra as vítimas

A fim de salientar a maneira como o Antigo Testamento sublinha a escalada da violência indico, resumidamente, algumas das principais palavras que descrevem a força da violência e a opressão que pesavam sobre os mais vulneráveis:

⁸ GUTIERREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1973. p. 370.

⁹ SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Paulo: Editeo, 2013. p. 34.

¹⁰ GUTIERREZ, 1973, p. 370.

¹¹ SCHWANTES, 2013, p. 38.

¹² GUTIERREZ, 1973, p. 370.

¹³ SCHWANTES, 2013, p. 19.

nagash: significa, fundamentalmente, levantar a caça, forçar bruscamente, impor tributo, oprimir com trabalho, sobrecarregar de trabalho ou, ainda, a opressão desumanizante. Os textos bíblicos sugerem que, quando um povo sofre a opressão, na verdade, está se negando a ele sua dignidade humana e reduzindo-o ao nível animal, ou seja, desumanizando-o. Vive-se dominado por outros ao invés de desfrutar da liberdade que Deus quis para eles como portadores de sua imagem (Gn 1.27-28). A etimologia ugarítica (oprimir com trabalho) pode estar refletida no uso contínuo de *nagash* no êxodo para descrever os capatazes do faraó, que oprimiam cruelmente os israelitas (3.7; 5.6,10,13,14; Zc 9.8). *Os feitores por seu lado, oprimiam-nos dizendo: Terminem a tarefa diária que lhes foi determinada, como quando tinham palha* (Êx 5.13). Há por parte do opressor uma ansiedade para que o produto da exploração chegue logo às suas mãos. O produto da exploração deveria surgir num espaço de tempo cada vez mais rápido, evidenciando tanto o controle do corpo como do tempo. Os textos citados acima sublinham o fato de que o trabalho é uma das áreas onde mais ocorre a opressão. A manipulação de estruturas econômicas como meio de opressão se vê em muitos usos de *nagash*. Trata-se, segundo Tamez¹⁴, de “exploração violenta, sobretudo por meio de trabalhos forçados”. De acordo com Rossi¹⁵, a manipulação das estruturas econômicas como meio de opressão é vista em muitos usos de *nagash*. E, para ele, segundo o livro do Deuteronômio, “a cada sete anos deveria acontecer um ano de libertação para todos os devedores. Quando os ricos não libertavam seus devedores das suas obrigações no ano sabático, faziam-se culpáveis de praticar a opressão (Dt 15,2-3)”.

‘anah: expressa, melhor do que qualquer outra palavra, algo das profundas dimensões psicológicas da experiência de opressão e degradação do ser humano¹⁶, ou, ainda, a humilhação que sentem os oprimidos. Dos 85 casos em que aparece, seu uso maior se faz na raiz intensiva, podendo significar: oprimir, fazer alguém sentir sua dependência, humilhar, angustiar, afligir, estuprar¹⁷ – Gn 34.2; 2Sm 13.12,14; Jz 19.24; Lm 5.11. Trata-se da degradação do ser humano; da apropriação de sua imagem divina; desumaniza-se o ser humano voluntariamente: *Eu vi a degradação do meu povo no Egito; eu ouvi os seus clamores contra os opressores, prestei atenção aos seus sofrimentos* (Êx 3.7); *Não, meu irmão, não me forces pois não se faz isto em Israel. Não cometes esta infâmia. Mas ele não quis dar-lhe ouvidos; subjugou-a e, forçando-a, deitou-se com ela* (2Sm 13.13). Não existe nos relatos bíblicos a afirmação de que o ser humano voluntariamente queira sentir a humilhação, degradação ou a opressão. A opção não é pela dor, e sim pela libertação.¹⁸

‘ashaq: seu primeiro sentido designa oprimir, obter pela força, tomar por extorsão¹⁹ (Is 53.7). O verbo pode designar várias formas de injustiça, entre elas: explo-

¹⁴ TAMEZ, Elza. *A Bíblia dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 20.

¹⁵ ROSSI, 2008, p. 32.

¹⁶ TAMEZ, 1980, p. 19.

¹⁷ REIMER; REIMER, 2018, p. 122.

¹⁸ ROSSI, 2008, p. 32.

¹⁹ REIMER; REIMER, 2018, p. 122.

rações econômicas, sentenças injustas, administrações arbitrárias e medidas violentas, ou, ainda, a injustiça da opressão. Eclesiastes 4.1 ilustra muito bem esse sentido: *Examinei também as opressões que se cometem debaixo do sol. Aí está o choro dos oprimidos, e não há quem os console; ninguém os apoia contra a violência de seus opressores.* As perversões dos opressores são violações que incidem diretamente na vida das vítimas.²⁰ São ações mortais, já que lhes tiram seus meios de subsistência: *O homem malvado que oprime os fracos é como chuva devastadora que deixa sem pão* (Pv 28.3). O objetivo principal do sujeito desse tipo de violência é acumular riquezas, e essas só podem ser acumuladas despojando e causando o empobrecimento do próximo. Outros textos que demonstram a relação entre opressão e pobreza: Sl 146.7; Dt 24.14; Jr 21.12; Ez 22.29; Am 4.1; Mq 2.2; Ml 3.5. Hanks²¹ afirma que “com frequência os contextos bíblicos onde ocorre ‘*ashaq* refletem algo de injustiça, força ou violência”. Segundo Ripoli²², o objeto do verbo ‘*ashaq* são principalmente os fracos e se apresenta como uma expressão para a opressão do pobre pelo rico equivalente a roubar.

lahats: possui o significado de apertar, acossar, oprimir ou, ainda, a dor que os oprimidos sentem. Um tipo de opressão que leva a vítima a gritar. Chega um momento em que a intensidade da dor provoca um pranto insuportável. Não se trata de uma angústia psicológica, ao contrário, é uma dor provocada por fatos concretos, por exemplo, os escravos oprimidos brutalmente pelos capatazes do Egito precisavam produzir com urgência o produto exigido e, diante de tamanha violência, a brutalidade se expandia até o mais íntimo de cada um dos escravos, fazendo-os gritar.²³

daka’: essa palavra parece ser a raiz mais forte para indicar a violência e suas consequências fatais, podendo significar triturar, pulverizar, ser esmagado, ser moído, ser abatido: *Trituram teu povo, Javé, oprimem a tua herança* (Sl 94.5). Uma clara indicação que o povo está sofrendo as dimensões mais profundas e desumanas da opressão. *Daka*’ ilustra, portanto, um alto grau de desumanização e de despersonalização.²⁴ Contudo, pode também designar a ação libertadora de Javé: *esmaga o opressor; pulveriza as ações dos grandes* (Jó 34.25). ‘*Anah* e *daka*’ são quase os únicos verbos nos quais Deus também aparece como agente.²⁵

yanah: traz o sentido de explorar, dominar com brutalidade, suprimir e escravizar, isto é, uma opressão escravizante.²⁶ Semanticamente estamos ao redor de experiências de roubo, espoliação e violência mortal. Nos profetas Ezequiel e Sofonias, a opressão aparece através dos atos de príncipes, juízes, profetas e sacerdotes. Toda a classe influente conspira contra os desfavorecidos, oprimindo-os até assassiná-los. O fim principal de seus atos não é simplesmente a demonstração da maldade, mas sim a

²⁰ ROSSI, 2008, p. 32.

²¹ HANKS, 1982, p. 22.

²² RIPOLI, Fernando. *Profecia e crítica social no profeta Jeremias*. São Paulo: Kapenke, 2017. p. 152.

²³ ROSSI, 2008, p. 33.

²⁴ TAMEZ, 1980, p. 48.

²⁵ ROSSI, 2008, p. 33.

²⁶ HANKS, 1982, p. 26.

acumulação de riquezas: *aceita-se o suborno, apoderando-se de bens e joias, matando as pessoas para roubar seus haveres* (Ez 22.12). Quase sempre o verbo ocorre em um contexto que menciona os pobres, imigrantes, viúvas, órfãos etc. como objetos de opressão; e como fracos que são, estão mais suscetíveis aos abusos dos mais fortes.²⁷

ratsats: pode significar quebrantar, pisar, esmagar. Na sua forma intensiva significa “oprimir atrozmente”²⁸ ou, ainda, a brutalidade da opressão: *Porque explorou e deixou em desamparo os pobres e se apropriou de coisas que não havia construído* (Jó 20.19). É uma palavra que ocorre para expressar tanto as injustiças de um país como as injustiças da opressão internacional. “Expressa fortemente as consequências brutais da opressão”²⁹; Reimer e Reimer³⁰ acrescentam: “assassinar” ou “ser injusto ou culpado (2Sm 22.22; Jó 9.29; 10.7,15; Êx 22.8), sendo que o substantivo significa “maldade” com uso de violência (Dt 9.27) ou o “maldoso” (Is 3.11; Hb 1.13).

hamas: o verbo *hamas*³¹ significa “oprimir” “cometer injustiça” ou “cometer maldade” (Jr 22.3; Ez 22.26; Sf 3.4) e o substantivo homônimo indica também para o fenômeno da opressão com uso de violência (cf. Gn 6.11; Êx 23.1). Em Ezequiel 7.13, a cidade está “cheia de violência”. Em Amós 3.10, por exemplo, encontramos a palavra *hamas*/violência ligada ao tema da destruição. Hanks³² e Pons³³ chegam a afirmar que *hamas* é a raiz básica para expressar a violência e observam que o substantivo ocorre 60 vezes, enquanto que o verbo apenas oito vezes. Seria possível afirmar que *hamas* caracterizaria a diminuição dos direitos e dos espaços de vida das pessoas assim como abrangeria toda a gama de comportamento antissocial em franca oposição à prática da justiça e do direito. Mais do que isso e incisivamente, Pons³⁴ afirma que *hamas* pode e deve ser considerado também como traição, traição do outro, uma traição da própria razão de ser, isto é, *hamas* seria o mal social por excelência. A literatura profética, a sapiencial, os textos narrativos e os legislativos, todos eles empregam *hamas*. E, além disso, podemos perceber os “receptores” ou “vítimas” do *hamas*, entre eles, Israel como nação, o povo diante do rei ou dos líderes, um grupo diante da opressão dos outros, os pobres, o justo e o inocente, o estrangeiro, o órfão e a viúva. A mesma *hendíades hamas wasod* (violência e rapina/destruição) reaparece em Jeremias 6.7, Ezequiel 45.9, Hebreus 1.3; 2.17 associado à opressão violenta. Amós as encontrou na Samaria e Jeremias em Jerusalém. Sicre³⁵ nos informa que os campos semânticos de *hamas* podem ser reduzidos a três grupos, ou seja, a violência, a exploração e o desprezo para com a palavra, e que, por sua vez, a violência poderia ser subdividida em quatro componentes: a guerra, a destruição da natureza, a violência sexual e a violência social. A literatura profética frequentemente usa *sod* como um

²⁷ Veja em ROSSI, 2008; HANKS, 1982.

²⁸ TAMEZ, 1980, p. 57.

²⁹ HANKS, 1982, p. 32.

³⁰ REIMER; REIMER, 2018, p. 122.

³¹ REIMER; REIMER, 2018, p. 122.

³² HANKS, 1982, p. 129-130.

³³ PONS, 1981, p. 28.

³⁴ PONS, 1981, p. 29.

³⁵ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 151.

sinônimo para *hamas*, salientando que a possível diferença entre eles é a de que *sod* salientaria um fazer ativo e *hamas*, por sua vez, a consequência da ação. A prática do *hamas* seria, portanto, a própria negação de Deus.

baqah: é usado para dividir lenha ao meio (Gn 22.3), mas também se aplica em relação à violência contra mulheres grávidas (Am 1.13), podendo ser traduzido por “partir ao meio”.

besa: especialmente comum em Jeremias (6.13; 8.10; 22.17; 51.13), é costumeiramente traduzida como “ganho injusto”, “lucro” ou “enriquecimento ilícito”³⁶. Dreher³⁷ afirma que “o substantivo é normalmente traduzido por lucro ilícito. Em alguns casos pode assumir o sentido de ‘ganância, avaréza’. Na esmagadora maioria dos casos, porém, o seu significado é eminentemente pejorativo, estando relacionado a outras palavras que designam ‘suborno, opressão, exploração’”. Os opressores são acusados de ter seus olhos sobre o que poderiam ganhar ou perseguir o lucro excluindo qualquer tipo de consideração moral: “seus olhos repousam sobre o nada, mas em seu próprio lucro/tributo” (22.17). Em Ezequiel 22.13 é usado para Jerusalém e ligado com o sangue que ela derramou, e em Ezequiel 22.27 o termo define o motivo dos oficiais (*sarim*) se comportarem como lobos a fim de arrecadarem lucro/tributo. É interessante salientar que o retrato do homem justo em Isaías 33.15 inclui a frase: “evitar o lucro derivado da opressão” (*besa maasaqqot*). O termo também é muito utilizado para se referir a alguém que pratica a extorsão a fim de retirar sua parte dos lucros de um negócio ilegítimo (Gn 37.26; Êx 18.21; Jó 22.3; Is 56.11; Jr 8.10; 22.17).

A violência pode ser considerada como a rainha das produtoras de vítimas. Seu rastro deixa uma ação devastadora por onde passa. Se nos textos bíblicos podemos constatar os muitos tipos de violência e de opressão que atingiam o povo de Deus, olhares direcionados para o nosso próprio tempo confirmarão que jamais o conjunto dos seres humanos foi tão ameaçado em sua sobrevivência. Vivemos numa época marcada acentuadamente pela lógica da exclusão. E cada vez mais ao grupo de excluídos vai sendo incorporada uma multidão de incapacitados. Vivemos, por exemplo, em um sistema econômico que não apresenta lugar para todos. Uma exclusão cada vez mais sofrida por seres conscientes de que não nasceram para se tornar miseráveis, famintos, enfim vítimas de um sistema violento. E assim, acabam por ingressar numa crise histórico-existencial-teológica, ou seja, excluídos completamente de uma sociedade que os rejeita e que não funciona mais, mas fora da qual não há salvação.

Considerações finais

A riqueza do vocabulário hebraico ao trazer à luz as múltiplas possibilidades de vítimas e as ações violentas que recaíam sobre elas impressiona. São pessoas e/ou grupos de pessoas destinados à periferia da vida. A existências deles é eclipsada por

³⁶ RIPOLI, 2017, p. 151.

³⁷ DREHER, Carlos A. O trabalhador e o trabalho sob o reino de Salomão. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 48-68, 1986. p. 53.

aqueles que possuindo poder, criam periferias e, para lá, exilam todas as vítimas. Vítimas da violência que se apresentam como seres “sobrantes” e que não possuem mais lugar na sociedade. Na periferia, tomados pela dor da violência imposta, elas clamam.

Por isso a literatura bíblica não pode ser reduzida à violência. Na literatura profética, por exemplo, encontramos visões da sociedade sem as marcas da injustiça. *Pois não haverá mais tirano, e aquele que zombava de todos desaparecerá. E todos os que tramam o mal serão eliminados: os que acusam alguém no processo, os que no tribunal fazem armadilha para o juiz e, por um nada, reprimem o justo* (Is 29.20-21). Jeremias elogia o rei Josias porque ele fez *justiça e direito e julgou a causa dos pobres e necessitados* (Jr 22.15-16). Em vez de explorar o pobre, Josias usou seu poder para protegê-los de serem explorados por outras pessoas poderosas. A noção do rei justo se torna uma visão do futuro em Is 11.1-9: *com justiça ele julgará os pobres* – significando que ele lhes dará seus direitos quando eles apelarem a ele. Toda essa ganância implacável terá um fim: *porque a terra estará cheia do conhecimento do Senhor. Pois conhecer a Deus é fazer justiça e dar aos pobres seus direitos* (Jr 22.16).

E, mais tarde, encontraremos Jesus frequentemente criticando as injustiças perpetradas contra os pobres pela elite rica preocupada com sua própria segurança e desejo de lucro. Ele repreende aqueles que exploram os recursos das viúvas (Mc 12.38-40; Lc 3.10-14; Is 10.1-2; Zc 7.10; Mt 3.5) e condena os líderes religiosos que roubam o povo (Mc 11.15-17; cf. Jr 7.8-11). Da mesma forma, ele expressa indignação com aqueles que ignoram suas obrigações com aqueles que precisam (Mc 3.1-6; 7.9-13; Lc 11.37-42; 14.1-6; cf. Lc 16.4,19-31). Na mesma tradição dos profetas, ele critica tanto aqueles que estão ansiosos demais com suas riquezas (Mc 4.18-19; Mt 6.24,27,33) como aqueles que confiam demais em sua segurança financeira (Lc 6.24; 12.13-21). Em uma das parábolas de Jesus, o homem rico vai para o inferno por ignorar o pobre mendigo em seu portão (Lc 16.19-31). Ele *não escutou a Moisés e aos profetas* (Lc 16.31). E as palavras de Tiago contra os ricos poderiam ter saído diretamente dos profetas (Tg 5.1-6).

A conclusão parece óbvia, ou seja, o Antigo Testamento – assim como o Novo Testamento – condena absolutamente a violência (cf. Sl 11.5; Is 53.9b; Pv 3.31).

Referências

- DREHER, Carlos A. O trabalhador e o trabalho sob o reino de Salomão. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 48-68, 1986.
- EPZTEIN, L. *A justiça social no antigo oriente Próximo e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FALES, F. *Guerre et Paix em Assyrie*. Paris: Du Cerf, 2010.
- GELIN, A. *Los pobres de Yahvé*. Barcelona: Sígueme, 1965.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1973.
- HANKS, Tomás. *Opressão, pobreza y liberación: reflexiones bíblicas*. Costa Rica: CELEP, 1982.
- REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni R. A maldade dos homens se multiplicou sobre a terra: sobre o fenômeno da violência na Bíblia. *Revista Pistis & Práxis*, v. 10, n. 1, p. 117-145, jan./abr. 2018.
- PALMA, M. de Lurdes. *Poder e Imagem: a idealização do rei na historiografia assíria: de Samsi-Adad I a Tiglat-pileser I*. Cascais: Patrimonia, 2001.

- PONS, Jacques. *L'Opression dans L'Ancien Testament*. Paris: Letouze et Ané, 1981.
- RIPOLI, Fernando. *Profecia e crítica social no profeta Jeremias*. São Paulo: Kapenke, 2017.
- RIVAS, Pedro J. *La injusticia y la opresión en el lenguaje figurado de los profetas*. Navarra: Verbo Divino, 1992.
- ROSSI, Luiz Alexandre S. *Cultura militar e de violência no mundo antigo*. São Paulo: Anna-blume, 2008.
- SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Paulo: Editeo, 2013.
- SICRE, J. L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- TAMEZ, Elza. *A Bíblia dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- VERKINDÉRE, Gérard. *A justiça no Antigo Testamento*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2004.